Luzes do I Congresso: o que viram os olhos da CPT na Lapa do Bom Jesus?

In memoriam de Chico Tomé e Frei Arthur Agostini,

cujas mortes nos marcaram, antes e depois do I Congresso.

Em1977, um grupo de mais ou menos 120 lavradores, de Andaraí, Redenção e Itaetê, Chapada Diamantina, Bahia, liderados pelo padre italiano Eugênio Morlini, foram até o Santuário da Lapa, pedir forças ao Bom Jesus e expor publicamente sua luta desesperada contra a grilagem de suas terras. Foi esta a origem mais remota das Romarias da Terra no Brasil. Santuário essencialmente camponês, a Lapa passaria a marcar para sempre a história da CPT. Vinte quatro anos depois, concluindo as celebrações jubilares – dos 2000 anos do nascimento de Jesus e dos 25 de sua própria criação – toda a CPT vai à Lapa em Romaria e Congresso; não “desesperada”, mas com certeza em busca de “forças”.

A assim chamada 1a Missão da Terra na Lapa, em 1978, trazia no folheto de preparação a frase que deu o mote para todo o processo de construção e realização do I Congresso da CPT: “Um olhar aberto lá na Lapa do Bom Jesus vê um pedacinho do céu; muitos olhos bem abertos vêem terra e céus inteiros.”

O que viram os olhos da CPT na Lapa, no reencontro com o Bom Jesus? Que luzes passaram a dissipar sombras e iluminar seus passos?

O contexto em que se dá o I Congresso é elucidativo e pode ser definido como um tempo de incertezas, quando já não valem as leituras e posturas que até o final dos anos 80 prevaleceram na CPT frente à realidade do campo e dos camponeses. As palavras mais faladas na CPT durante os anos 90 talvez tenham sido “crise” e “avaliação”. Crise de identidade, crise do agente, crise das Igrejas, crise da reforma agrária (sem falar em outras e maiores crises: de paradigma, de civilização). De avaliação houve três processos nacionais sucessivos, patrocinados por agências de cooperação.

O Congresso, sob o tema “Terra, Água, Direitos: Eis o Tempo Jubilar”, acabou tido e havido como expressão de um desejo de pôr termo a este já longo processo de muitas perguntas, várias respostas, algumas iniciativas, sem que fosse consolidado um estado geral das coisas satisfatório. Se conseguiu, só o tempo dirá, na medida que luzes encontradas sirvam efetivamente para, dissipando sombras, determinar os passos de agentes, equipes e instâncias da CPT.

Os trabalhadores/as salvam (o Congresso e) a CPT

Em geral, avaliou-se o Congresso – para além dos muitos problemas de preparação e realização – como muito positivo, oportuno, forte, revigorante, generoso, ousado... “Um renascimento”, “refundação”, “novo Pentecostes”... Chegou-se a dizer que “o Congresso salva a CPT”. E até – mais realista – que “os trabalhadores salvaram o Congresso”.

De fato, a primeira constatação importante, primeira experiência marcante do Congresso, foi que em geral os trabalhadores/as estavam muito mais animados que os agentes. Na Santuário, nas grutas da Lapa, sentiram-se em casa, farejaram que aquele lugar era deles e abriram o verbo, deram o recado à CPT. Mostraram-se mais dispostos e decididos, menos afetados pelas adversidades conjunturais. Cobraram uma CPT mais presente e solidária, mais de luta e menos burocrática, menos de gabinetes e salários... Exigiram agentes mais apaixonados pela CPT, sua missão, seu trabalho, muito importantes para eles.

A CPT é necessária

Se agentes têm hoje muitas dúvidas sobre seu papel, não é o caso dos trabalhadores/as, que deixaram patente necessitar e querer a CPT, mas uma CPT combativa, presente na luta, animadora de suas organizações, movimentos e iniciativas por vida melhor no campo. Se agentes questionam o sentido atual da CPT, os trabalhadores/as reafirmaram, alto e bom som, que ela ainda é sumamente necessária. Porque cumpre uma função fundamental: a de respaldar, sustentar e alimentar as dimensões mais profundas da vida e da luta no campo. Houve até quem achasse a CPT hoje mais necessária ainda do que quando foi criada, em vista do quadro de abandono econômico, político, social e até pastoral em que se encontram o campo e o povo do campo, seus direitos de plena cidadania ainda por conquistar. Necessária ainda diante das dificuldades de suas próprias entidades representativas no enfrentamento desta conjuntura adversa.

Lugar da CPT é junto dos trabalhadores/as

Talvez seja esta antiga novidade a maior contribuição do Congresso: a compreensão de que a CPT ainda tem lugar e seu lugar é junto dos trabalhadores/as pobres do campo. Lugar aqui entendido tanto no sentido teológico e místico, como no sentido metodológico, e até geográfico. Neste sentido, o Congresso foi uma volta atualizada às origens, um mergulho nas raízes para novo compromisso.

Os lavradores/as deixaram claro que querem a CPT junto deles, porque precisam dela. Se os agentes se distanciam, deixam de ouvi-los, já não sabem como ajudá-los ou, ouvindo “outras vozes”, servem a interesses outros que não os reais deles.

Estar junto com os trabalhadores/as, numa solidariedade básica, significou historicamente na CPT e confirmou-se no Congresso como sendo trabalho de base, retomado com novo vigor; formação, de que se necessita sempre e cada vez mais, dada a complexidade do mundo atual e seus desafios para a gente do campo, suas lideranças à frente, carentes de renovação; e organização, que é um desafio permanente e não se esgota na formalidade das instituições representativas, sindicais, associativas ou políticas. Tudo em vista do protagonismo dos trabalhadores/as rurais, nos seus processos de libertação.

A força da mística e o caráter pastoral

O lugar do Congresso – o Santuário camponês da Lapa – propiciou, na identificação espontânea com o Bom Jesus e sua casa, o clima místico favorável aos debates, às rezas, às decisões, e foi responsável, conforme avaliação geral, pela grande participação dos camponeses/as e pelo êxito do próprio Congresso. Contudo, recordou também à CPT que seu espaço característico junto ao povo do campo é o da cultura, da mística, da ética camponesas – da fé simples, fundamental e integradora da gente da roça. Aí, como sucedeu no Congresso, mesmo com todas as diferenças – de origem, gênero, geração, etnias e culturas –trabalhadores/as conseguem sentir-se família e com facilidade trocam experiências, falam a mesma linguagem, se entendem e se animam na luta, na caminhada. E isto é o que quer a CPT e é sua missão facilitar-lhes.

Mas a mística não é apenas um dado antropológico e força na luta ou engajamento revolucionário, o que por sinal anda fraquejando nestes tempos ultraliberais... Ela é também e antes de tudo espiritualidade cristã. E boa parte dos lavradores/as e agentes a cultiva, dela necessita e se preocupa que esteja ainda “envergonhada” na CPT, como disse Pedro Casaldàliga.

Temos aqueles, e os temos muitos – nosso mais rico patrimônio –, que viveram espiritualidade e mística na radicalidade evangélica. Os mártires da terra, cuja memória marcou o Congresso, foram reverenciados como sinais luminosos, constante lembrança do eixo espiritual da Pastoral da Terra: a doação por amor – Vidas pela Vida.

Reafirmaram-se o caráter pastoral do serviço e a pertença à Igreja, mas com a preocupação de que já não se tem dela, principalmente na base, todo o apoio para o trabalho nos moldes da Pastoral da Terra – serviço ecumênico não proselitista.

Também o profetismo da Igreja não é tão evidente e dele se carece nos tempos atuais como nunca. E é uma dimensão que a CPT não pode descuidar, inclusive para dentro da própria Igreja.

A CPT é uma grande e rica diversidade

O discurso reincidente da crise, nos últimos anos, deixou, nos agentes principalmente, uma visão negativa da CPT, até um tanto autofágica. O Congresso mostrou uma visão muito mais positiva da grande família que é a CPT. Foi mesmo uma auto-revelação da riqueza de experiências, trabalhos, vivências junto dos camponeses/as, evidenciando um alto grau de encarnação, inculturação e dedicação, na extrema diversidade que são este país e seu campesinato. Em certo sentido, o Congresso não inventa coisa nova, senão reconhece, expressa privilegiadamente o que já existia na base.

Espírito novo: colegialidade e corresponsabilidade

Esta diversidade que é a CPT, na diferenciação dos lugares e dos modos de sua atuação, tem gerado, nos últimos tempos, sob pressões da conjuntura, divergências e tendência à pulverização, mais até do que unidade em torno da missão, eixos comuns de trabalho e organização interna. Os esforços recentes de nova estruturação orgânica, pautada pelos valores da colegialidade e

corresponsabilidade, foram confirmados pelo Congresso, ainda que indiretamente, uma vez que não era assunto da pauta. São o modo mais coerente com o espírito que predominou nas discussões temáticas, nas críticas e sugestões para a continuidade da CPT.

Visão nova da realidade com ênfase na vida a construir

O Congresso todo se realizou numa perspectiva de condenação do modelo vigente de sociedade, de nação, de civilização. Numa visão integradora da conjuntura local, nacional e global, fez-se a crítica do tempo/espaço que vivemos, do modo como o estamos vivendo – "a longa noite do neoliberalismo" – que aponta inexoravelmente para a morte dos pobres, do planeta e da humanidade. Porém, mais que a pura e simples condenação, exercitou-se uma visão propositiva, que vislumbra caminhos de Vida, a se construir pelos pequenos, descartados, sobrantes – homens e mulheres, crianças e idosos, negros e índios, desempregados e camponeses, pobres de todos os jeitos e matizes e descontentes em geral com a nova (des)ordem global –, com suas lutas e iniciativas apropriadas sob os pontos de vista econômico, político, social, cultural e ecológico. Neste sentido foi uma visão positiva, menos catastrófica e desalentadora, sem deixar de ser realista.

8. Terra sob outro ângulo: espaço de vida, resistência e identidade

As dificuldades atuais da reforma agrária, em que vai-se impondo a estratégia neoliberal de entregar a questão ao mercado e aniquilar os movimentos sociais, não surgiram no Congresso como um quadro de desânimo. Antes provocaram a compreensão da hora como de resistência e procura de novos sentidos e caminhos da luta pela terra, sem abrir mão das várias formas de "entrar na terra", inclusive as ocupações, reafirmadas como ainda oportunas e legítimas.

Mais do que meio de produção, a terra foi vista como espaço de vida e possibilidade e potencialidade de um novo modelo baseado na sustentabilidade e na solidariedade, alternativo e alterativo do modelo atual. Neste sentido, muito contribuíram as experiências diversas de ribeirinhos/as, quilombolas, atingidos/as por barragens, pequenos/as agricultores/as, além de assentados/as e acampados/as. O embate passa a ser também étnico-cultural e tecno-ecológico, não só agrário-agrícola e político-econômico. Aí valorizam-se mais do que antes as raízes afro-ameríndias de boa parte de nossos camponeses/as, com seus elementos de sacralidade e coletividade na relação com a terra, a água e toda a natureza. Bem como seus processos produtivos contrapostos aos transgênicos e demais tecnologias degradantes de recursos naturais, produtores e consumidores.

Assomam como novo ator social os agricultores/as familiares, dos mais prejudicados pela política econômica e aqueles que sabem produzir cuidando da terra, oferecendo alimentos limpos e saudáveis, propondo-se como alternativa ao desemprego e à subvida nas grandes cidades. Neste sentido, ganha novos e mais amplos contornos e efeitos o resgate da identidade camponesa, tão vilipendiada por sucessivos governos e políticas.

9. Água, eixo de trabalho consolidado

Ainda que alguns esperassem do Congresso mais força na questão da água, esta pegou na CPT e só tende a crescer. Tudo o que se viu de experiências – da captação de água de chuva no semi-árido à preservação dos rios e lagos amazônicos, passando pela luta contra a privatização dos serviços de água – e as discussões que provocaram, tratam a água com um bem natural, dádiva divina e um direito inalienável e irredutível à condição de mero negócio. A luta da água, indissociável da luta pela terra e pelo meio-ambiente, abre um novo campo para a atuação da CPT, inclusive na relação com as Igrejas, despertas e a despertar para a questão, e na sempre difícil interlocução com os setores urbanos.

10. Direitos, eixo a ampliar

Direito se constrói, não está só no que se tornou lei – foi a idéia principal das discussões deste eixo no Congresso. Historicamente, a luta dos camponeses/as no Brasil tem sido por afirmação de direitos, resistência à antiga condição de cativeiro, mais do que pela reforma agrária em si. Além do direito à terra, luta-se pelas condições de permanência, viabilização econômica e social na propriedade. Mediar o acesso camponês aos direitos foi a tarefa de origem da CPT. Hoje, é um campo ainda a explorar o dos direitos econômicos, sociais e culturais (DESC) no campo, e urgentemente, em vista da perda de direitos e da precarização do trabalho, com os ajustes neoliberais. Cresceu o combate contra a violência, a impunidade e o trabalho escravo, o superexplorado e o infantil, mas há muito por fazer, em várias regiões.

Como luz não é para fitar e cegar, estas (e outras) luzes do I Congresso possam iluminar o caminho e o andar mais confiante da CPT daqui para frente. Para bem dos pobres do campo, a Terra Sem Males sendo construída, Reino futuro e já presente de Deus. Pondo-se decididamente na contracorrente das forças da morte, a CPT reencontra seu sentido, no caminho da Vida.

Ruben Siqueira*

CPT Bahia / Sergipe

---

* Com apoio nas falas dos participantes da reunião de avaliação do I Congresso, realizada em Goiânia-GO, nos dias 11 e 12 de julho de 2001.